

**caderno de
educação**

**ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

1995—2013

3

zumbi 300 anos







É com imensa satisfação e orgulho que apresentamos esta edição comemorativa que reúne todos os Cadernos de Educação publicados pelo Ilê Aiyê. Esta coleção simboliza a centralidade do projeto de educação, reparação histórica e afirmação das dimensões afro-brasileiras.

A parceria com a Fundação Cultural Palmares do Ministério da Cultura e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) do Ministério da Educação reforça a importância histórica e a relevância política, artística e cultural dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê. Essa iniciativa se alinha a uma prática de extensão que enxerga a educação como um processo de transformação social, promovendo a valorização e o reconhecimento da cultura afro-brasileira.

Assim como o Ilê Aiyê, que, a partir do Carnaval Negro e da potência criativa de J. Cunha, ressignificou a maior festa popular da Bahia, os Cadernos de Educação buscam conectar a educação às raízes culturais e históricas do povo negro. A Associação Cultural Ilê Aiyê, desde sua fundação há 50 anos, surgiu da luta por repre-

prefácio

sentatividade e pela valorização da cultura afro-brasileira. Com sua atuação no bairro da Liberdade, o Ilê Aiyê transformou seu espaço em um território de resistência e educação, criando a escola comunitária Mãe Hilda e a Band'Erê, com seu modelo pedagógico inovador baseado na cultura e na História do povo negro no Brasil.

O Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, criado em 1995, expandiu essas ações para outras escolas da comunidade, capacitando professores e educadores a abordar a História e a cultura afro-brasileira em sala de aula. Esse projeto, assim como os Cadernos de Educação, promove o desenvolvimento de uma consciência de pluralidade cultural, combatendo o racismo e reforçando a importância da ancestralidade e da identidade negra.

O compromisso da UFRB com esse projeto reflete sua missão de promover a inclusão e a valorização das culturas de matrizes africanas, colaborando com a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Que esta edição comemorativa dos Cadernos de Educação do Ilê Aiyê inspire educadores, estudantes e toda a comunidade acadêmica a continuar a luta por um mundo melhor e sem racismo, celebrando a riqueza e a diversidade das culturas afro-brasileiras.

prof. danillo barata
pró-reitor de extensão e cultura da ufrb

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

PROJETO DE EXTENSÃO PEDAGÓGICA DO ILÊ AIYÊ

Arany Santana

ensaio

¹ Termo regional, que significa reforço escolar.

² O *deburù*, também conhecido como flor do velho ou pipoca do velho, é uma expressão utilizada pelos Povos de Terreiro.

A década de 1980 foi crucial para a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação ao incluir oficialmente a obrigatoriedade do ensino de História da cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar, mas pouca gente sabe que a implementação dessa política pública nacional, que só se deu em 2003, teve a Bahia como pioneira.

Impulsionada pela pressão dos movimentos populares, fruto de incansável exigência do Movimento Negro Unificado, criado em 1978, somado aos terreiros de *candomblé* e ao primeiro bloco afro do Brasil, *Ilê Aiyê*, as Universidades Federal e Estadual da Bahia, mas, sobretudo, o Estado se viu tensionado, desde 1985, a inserir a temática na pauta das políticas públicas educacionais.

A audácia do *Ilê Aiyê*, que já em seu primeiro desfile, em 1975, em plena ditadura militar, desvelou o racismo no Brasil, exaltou a beleza e a força de heróis e heroínas da resistência negra — bem como a magnitude de reinos africanos, conteúdo nunca apresentado em sala de aula, traduzido sob o prisma de canções de forte impacto — gerou um movimento inédito de busca por parte de estudantes e professores das escolas do bairro da Liberdade por informações sobre as temáticas abordadas pelo bloco. Diante desse fato inesperado, a diretoria do *Ilê* se viu compelida a pensar ações que sistematizassem esse conhecimento. Era uma resposta à visão estereotipada dos

livros didáticos e da abordagem eurocentrada da História. Que História é essa que ecoava das canções do Ilê e firmava desde um novo padrão de beleza à valorização e salvaguarda das religiões de matriz africana?

A mentalidade visionária de Mãe Hilda Jitolu foi a mola propulsora do projeto educacional do bloco. A princípio, o pedido da matriarca era acolher crianças que passavam grande parte do tempo na rua, oferecendo-lhes banca¹, já que sua filha Hildelice tinha formação em Magistério. A partir de então, constatou-se que esses alunos, para além do déficit em leitura e escrita, eram, em sua grande maioria, expulsos da rede escolar por sua multirrepetência, sendo, portanto, inquietos, indisciplinados, ou seja, fora do padrão esperado pelo sistema educacional. Por outro lado, o encantamento dessas crianças pelas músicas entoadas pelo Ilê Aiyê facilitava o processo de alfabetização.

Em 1985, diante da crescente pressão, o Conselho Estadual de Educação do Estado da Bahia aprovou a lei, logo sancionada, que inseria a “Introdução ao Estudo da História e das Culturas Africanas” nos currículos das escolas públicas e privadas.

No ano seguinte, 1986, uma comissão coordenada pela professora da UFBA, Eugênia Lúcia Viana Neri, composta por técnicos e professores dessa mesma universidade, além da Uneb e da Secretaria de Educação, implementou o primeiro curso de especialização em História da África, voltado para 30 professores de História da rede pública e dez membros de organizações negras de Salvador, desde que portadores de diploma de nível superior.

Pouco tempo depois, o barracão do Ilê Axé Jitolu já estava repleto de crianças sentadas em carteiras doadas pelo

então Secretário de Educação do Estado, Professor Dr. Edivaldo Machado Boaventura, que tornou realidade o sonho de Mãe Hilda em ver seu espaço sagrado transformado em escola, fato concretizado em 1988, quando nasce a Escola Mãe Hilda. Foi pelas mãos desse mesmo gestor que, em 1987, a disciplina de História da África foi implementada em dez escolas públicas de Salvador, mais precisamente em bairros periféricos de concentração da população negra. Tal política, infelizmente, durou apenas um ano. Com a mudança do governo e de todo o secretariado, a disciplina foi banida dos currículos, dependendo tão somente da boa vontade de alguns professores, que, sem nenhum apoio, sustentaram a temática por mais dois anos.

Na contramão do movimento governamental, o barracão do Ilê Axé Jitolu se tornou pequeno para o número de estudantes que crescia a cada ano, obrigando a escola ocupar outros espaços do terreiro. As músicas eram o instrumento pedagógico que transformou a escola num espaço de alegria, ludicidade e identidade.

Assim como manda a tradição do candomblé, Mãe Hilda fazia questão de usar recursos próprios para preparar uma farta mesa com a merenda das crianças, sendo essa geralmente vinculada aos orixás. Dessa forma, por exemplo, às segundas-feiras, oferecia-se pipoca, fazendo a alegria geral da criançada. Mãe Hilda aproveitava esses momentos para mostrar, com orgulho, que a “flor²” do velho Obaluayê era a comida do dono de sua cabeça e patrono do terreiro. Importante reforçar que foram incontáveis os momentos em que que flagrávamos Mãe Hilda Jitolu observando e admirando as aulas pelas frestas da porta entreaberta, sem que na maioria das vezes fosse notada pelos alunos.

O BARRACÃO DO ILÊ AXÉ JITOLU SE TORNOU PEQUENO PARA O NÚMERO DE ESTUDANTES QUE CRESCIA A CADA ANO, OBRIGANDO A ESCOLA A OCUPAR OUTROS ESPAÇOS DO TERREIRO

A grande revolução da Escola Mãe Hilda se deu pela transformação de um espaço votivo em escola, oferecendo acolhimento a estudantes renegados pelo sistema escolar, agora felizes e aprendendo, para além do currículo formal, o respeito por uma religião secularmente discriminada e, sobretudo, a valorização da história de sua ancestralidade negra, desprezada até hoje por grande parte das escolas do país.

O sucesso metodológico da escola resultou na mudança comportamental dos alunos, que, devido ao espaço sagrado que frequentavam, aprendiam sobre o respeito mútuo, o respeito às diferenças, mas, sobretudo, o respeito aos mais velhos. Se tornou rotina os alunos pedirem a benção ao adentrar o ambiente escolar, fundamento vital das religiões

de matriz africana, de modo que não tardou para que essas crianças, então alfabetizadas, passassem a ser disputadas por escolas da região.

Foi a partir dessa exitosa experiência que, mais uma vez, a professora Eugênia Lúcia, em 1995, na maioria do bloco, chamou o presidente Vovô à responsabilidade de produzir material didático a partir da ótica dos carnavais do Ilê, assegurando a permanência da temática africana e afro-brasileira nos currículos das escolas da Liberdade e adjacências, promovendo conhecimento para os alunos e a capacitação de professores das redes municipal e estadual daquela região.

Nascia assim o Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, materializado em seus *Cadernos de Educação*, contando com um time de peso de professores, dentre eles, Jaime Sodré, Makota Valdina Pinto, Jorge Conceição, Ana Célia da Silva, Maria de Lourdes Siqueira, Lindinalva Barbosa, sob a coordenação de Arany Santana e Jônatas Conceição. A qualidade do projeto atraiu importantes parceiros como a Fundação Odebrecht e as Secretarias Municipal e Estadual de Educação da Bahia, além de render o prêmio de terceiro melhor projeto pedagógico do Brasil pelo Itaú – UNICEF.

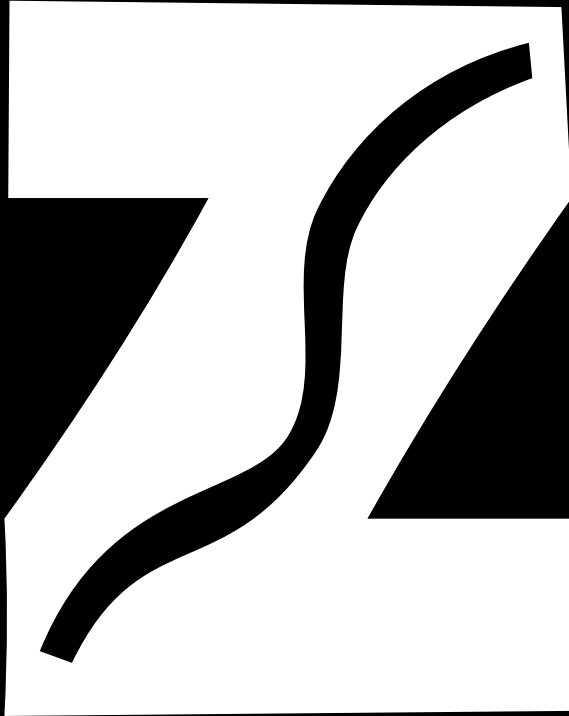
Somado à escola Mãe Hilda, o Projeto envolveu professores, dirigentes, coordenadores e supervisores das seis maiores escolas da Liberdade e entorno. Contemplou mais de três mil alunos, capacitou sessenta professores, que, por meio do conhecimento, puderam rever seus conceitos, suas convicções e crescer enquanto seres humanos.

Diante do sucesso, o curso foi estendido para dirigentes e assessores de blocos afros e afoxés, povos de santo, membros de associações culturais e grupos de capoeira que agora adentravam o espaço do Centro de Estudos Afro-O-

rientais, o CEAO, da Universidade Federal da Bahia, para receber essa capacitação.

O icônico tema do primeiro Caderno de Educação, fruto do Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê, não poderia ser outro senão “Organizações de Resistência Negra”. O material apresentava as mais importantes organizações negras brasileiras, desde o século XVI até a fundação do Ilê Aiyê, e já contava com o design gráfico do magistral artista plástico J. Cunha, que chegara no bloco muito antes, criando em 1978 sua identidade visual, o emblemático Perfil Azeviche. A partir de 1980, Cunha passou a desenvolver o design dos tecidos do bloco, finalizando a conjugação perfeita entre a transformação política, estética e, mais tarde, educacional do Ilê Aiyê, indo muito além do âmbito local de Salvador e tornando-se um marco nacional, quiçá internacional.

Era, enfim, o grito da raça ecoando, reescrevendo a história de nossos antepassados, elevando a autoestima de nossas crianças, num movimento revolucionário que mudou a mentalidade e a paisagem urbana de Salvador.



sumário

4	prefácio
6	ensaio
16	apresentação
19	projeto de extensão pedagógica
23	concurso
27	zumbi
31	trabalhos

1995—2013

caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica

ZUMBI,
300 ANOS
ILÊ AIYÊ,
21 ANOS

*Em memória de
Beatriz Nascimento*

apresentação

Estamos trazendo até você o terceiro volume da coleção Caderno de Educação, realizada pelo Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê. Os números já lançados são “Organizações de Resistência Negra” e “Civilização Bantu”. Essas publicações fazem parte de uma estratégia de oferecer a educadores e ao público em geral subsídios para o entendimento da História e da cultura produzidas no Brasil pelos povos africanos e seus descendentes. Com isso, estamos contribuindo para a construção de uma pedagogia educacional que resgate e valorize a cultura negra, suas raízes e sua influência no país.

Este volume reúne textos e desenhos produzidos por crianças e adolescentes que se destacaram no concurso “Zumbi, 300 anos, Ilê Aiyê, 21 anos”, realizado em 1995 nas escolas envolvidas pelo Projeto de Extensão Pedagógica. Registramos, neste caderno, a experiência de promover um concurso artístico-literário em escolas comunitárias e das redes municipal e estadual localizadas no bairro da Liberdade, em Salvador.

Os trabalhos refletem as práticas educacionais desenvolvidas pelo Ilê Aiyê na comunidade. Repro-

duzimos os textos integralmente, como tinham sido criados. Nosso objetivo foi preservar a expressão livre dos alunos.

Com esta rica experiência em mãos, cabe a você, educador, utilizá-la como material didático. Os textos e os desenhos podem ser aproveitados em aulas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, Educação Artística e em outras disciplinas e ações da escola. Também cabe a você, educador, fazer multiplicar ideias simples como esta e motivar os alunos a pensar e a criar a partir de temas históricos ou relacionados à sua realidade. E cabe a todos nós o desafio de empregar o conhecimento adquirido em experiências vivas e educativas como a deste concurso e fazer dele nosso manual da esperança de uma educação que aponte para a cidadania plena das nossas crianças e jovens brasileiros.

Axé,

**Coordenação do Projeto de Extensão Pedagógica
Salvador, outubro de 1996**

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

projeto de extensão pedagógica

01

A Associação Cultural Ilê Aiyê surgiu há 22 anos, a partir do Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê. Criado por um grupo de jovens, nosso bloco foi o primeiro a levar para as ruas a cultura afro-brasileira, transformando a maior festa popular da Bahia. Logo, ficamos conhecidos como “o mais belo dos belos” por causa de nossa música, que combina ritmos do candomblé e do samba duro, e de nosso vestuário, baseado em estamparias vivas de influência africana.

Ao longo de nossa História, começamos a atuar informalmente em diversas questões que envolviam as crianças e os adolescentes da Liberdade, onde nasceu e está sediado o bloco, o bairro mais populoso de Salvador, com cerca de 400 mil habitantes, a maioria negros. Atualmente, a nossa missão é desenvolver trabalhos para um mundo melhor e sem racismo. Realizamos também diversos eventos sócio-culturais, como ensaios do bloco, festivais de música, a Festa da Mãe Preta e a Festa da Beleza Negra. Em 1988, criamos a escola comunitária Mãe Hilda*, que atende da 1ª à 3ª série do primeiro grau, e que hoje ensina a 100 crianças da Liberdade. Nas salas de aula, educadores criam, experimentam e aperfeiçoam um modelo pedagógico que tem como base a cultura e a História do povo negro no Brasil. Mantemos também uma escola de percussão, a Band’Erê, formada por crianças da comunidade e por meninos de rua.

O *Projeto de Extensão Pedagógica do Ilê Aiyê* foi criado em 1995 com o objetivo de sistematizar e ampliar para as escolas da Liberdade as ações educacionais que o Ilê Aiyê já realizava no bairro desde a sua fundação. Para concretizar esse ideal, o Ilê foi buscar parcerias com diversas entidades que passaram a apoiar e a acompanhar as ações realizadas.

Atualmente, três escolas públicas participam do Projeto, Abrigo dos Filhos do Povo (municipal), Duque de Caxias e Tereza Conceição Menezes (estaduais), além da escola Mãe Hilda e da Band'Erê. Professores, supervisores e orientadores escolares aprendem sobre a História e a cultura afro-brasileira, desenvolvem o pensamento crítico sobre questões como etnia, pluralidade cultural e análise do livro didático e se preparam para abordar esses temas com seus alunos. A capacitação é realizada por educadores do próprio Ilê Aiyê.

Outra linha de ação é a mobilização direta de crianças e adolescentes das escolas envolvidas. Eles participam de oficinas de torso, trançado, capoeira e dança. A mobilização também ocorre por meio de concursos nos quais os alunos são estimulados a produzir poesias, redações e desenhos sobre temas ligados ao projeto. Nesses momentos, é fundamental o apoio que recebem dos professores já capacitados.

A elaboração de publicações, como a série Cadernos de Educação, e outros materiais de apoio ao professor, são também uma estratégia importante. Neles são registrados os produtos de nossa ação social e, a partir deles, os nossos aprendizados poderão se estender por outras escolas da Liberdade, de Salvador e de outros estados.

Além de participar ativamente de eventos de mobilização social de abrangência local, nacional e internacional,

o Ilê Aiyê organiza, para a comunidade em geral, cursos sobre temas relacionados com a contribuição do negro na história e na formação da sociedade brasileira.

Tudo isso faz parte do Projeto de Extensão Pedagógica. Esperamos estar colaborando com a melhoria da qualidade da educação, aproximando as escolas da realidade sócio-cultural dos alunos e desenvolvendo nos educadores, crianças e adolescentes uma consciência de pluralidade cultural.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

CONCURSO

02

23

Um dos principais objetivos do Projeto de Extensão Pedagógica é mobilizar crianças e adolescentes, despertando o seu interesse por temas relacionados à nossa História e cultura. Em 1995, ano que marcou a passagem dos 300 anos de morte de Zumbi dos Palmares e dos 21 anos de maioria do Ilê Aiyê, lançamos o concurso “*Zumbi dos Palmares 300 anos, Ilê Aiyê 21 anos*”, dirigido aos alunos das escolas envolvidas e dividido nas categorias de desenho, poesia e redação. Nada como a visão e a perspectiva de crianças e jovens para homenagear a resistência ancestral e nos dar esperanças de um país democrático.

O concurso envolveu professores e crianças da Escola Mãe Hilda (alfabetização) e da Band’Erê – ambas mantidas pelo Ilê Aiyê –, além da Escola Abrigo dos Filhos do Povo (de pré-escola à 4ª série), Escola Tereza Conceição Menezes (de 1ª à 8ª série) e Colégio Duque de Caxias (1º e 2º graus)

A riqueza dos trabalhos produzidos para o concurso e reproduzidos neste terceiro volume da coleção Cadernos de Educação reflete os diversos graus de escolaridade dos alunos e as várias práticas pedagógicas dos professores envolvidos no concurso. No regulamento, o que desejávamos era que a livre expressão dos alunos recriasse a história Palmarina e a associasse à atual resistência do Ilê Aiyê. Nas atividades promovidas para estimular a realização dos trabalhos, foram utilizados filmes, vídeos, música, estamparias do bloco, entre outros recursos.

Os professores tiveram papel decisivo no decorrer de todas as etapas do concurso. Além de elaborarem o regulamento com os coordenadores do Projeto de Extensão Pedagógica, eles foram os agentes multiplicadores da história

de Zumbi dos Palmares nas salas de aula, com o apoio da equipe de educadores e artistas do Ilê Aiyê, e ajudaram na seleção prévia dos trabalhos produzidos por seus alunos.

A comissão julgadora foi formada por Mãe Hilda – idealizadora da nossa escola comunitária – , por coordenadores do projeto, diretores e professores das escolas envolvidas, representantes das instituições que apoiam o Ilê Aiyê e secretarias de Educação do Município e do Estado.

Definimos critérios para a premiação, a fim de que não julgássemos da mesma maneira um aluno do primário e outro do segundo grau. Na etapa de premiação, separamos os trabalhos produzidos por estudantes da 1ª à 4ª série, da 5ª à 8ª série, e do segundo grau. Aumentamos, assim, o número de premiados, que receberam brindes diversos e fantasias para desfilar no bloco durante o carnaval de 1996. Os alunos que conquistaram os primeiros lugares viajaram, juntamente com o Ilê Aiyê e seus professores, a Palmares, em Alagoas. No dia 20 de Novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, eles conheceram a Serra da Barriga, local onde ficava o Quilombo dos Palmares.

Destacamos a seguir os alunos vencedores do concurso
“Zumbi dos Palmares – 300 anos, Ilê Aiyê – 21 anos”:

Colégio Duque de Caxias

Daiane Ramos de Oliveira; Gilson Meneses da Silva; Lindiomar de Jesus Santos; Elmo Alexandre Assunção Gonçalves; Ana Rita Santos do Rosário; Edney Antonio S. Costa; Ana Cristina Alves da Silva; Fábio Freitas Santos; Sandra dos Santos Conceição; Suzana dos Santos Barros; Shirlene da Silva Pereira; Jane Santos Arraz; Daniela

Santos da Silva; Marcia Anatalina de Souza Rocha; Cleber Pinheiro dos Santos; Diógenes Henrique Silva Nascimento; Joseval de Jesus dos Santos; Vanderclea Farias dos Santos; Túzia Cristina Pereira dos Santos; Consuelo de Oliveira Casal Garrido.

Escola Mãe Hilda

Lismar Lins; Marcos Santos da Silva.

Escola Tereza Conceição Menezes

Ulisses Passos; Claudiane Cordeiro Bezerra; Tamires Santos; Marcos de Araújo Messias e Audelito Souza Silva Jr.

Escola Abrigo dos Filhos do Povo

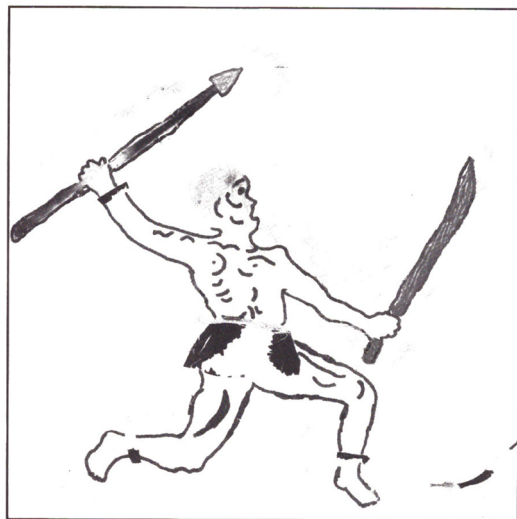
Misael Barbosa dos Santos; Dalva Quele Silva de Souza.

Escola de Percussão Band'Erê

Edebaldo dos Santos Amorim; Jair Mendes dos Santos; César Neris; Givanildo Neves da Silva; Alípio Figueiredo.

Zumbi

02



Zumbi é o grande símbolo de liberdade e de resistência negra. Nasceu livre em Palmares, Alagoas, em 1655. Situado no alto da Serra da Barriga, Palmares foi o maior, mais duradouro e mais organizado quilombo das Américas. Surgiu no final do século XVI, depois da revolta de escravos de um engenho no sul da Capitania de Pernambuco que se refugiaram naquela região.

Quilombos eram comunidades formadas por pessoas que resistiam ao sistema escravagista. Liderados por negros, que constituíam a maioria dos seus habitantes, acolhiam também índios e brancos excluídos. Ao contrário do Brasil escravocrata do século XVII, Palmares surgiu como uma sociedade multirracial e pluricultural e, assim, perdeu por cerca de 100 anos. Sobre Zumbi e sobre Palmares, a maioria dos indícios e documentos desapareceram ou se encontram dispersos em diversos locais do Brasil, de Portugal e da Holanda.

A origem da família de Zumbi é desconhecida. Sabemos que, no mesmo ano de nascimento, foi levado por Brás da Rocha, um traficante de escravos, que o deu de presente a Antônio Melo, vigário de Porto Calvo, pequena cidade da Capitania de Pernambuco. O vigário criou o menino, passou a chamá-lo de Francisco e se encarregou da sua educação. Francisco aprendeu português, latim e religião.

Quando completou 15 anos, o rapaz retornou para Palmares, que já ocupava, naquela época, uma área de seis mil km² e possuía quase 30 mil habitantes. Por seu vigor e inteligência, ele se tornou sobrinho adotivo de Ganga Zumba – que significa Grande Chefe –, líder que transformou as aldeias palmarinas num Estado.

Palmares foi alvo de inúmeras expedições promovidas

por autoridades e fazendeiros, que queriam recapturar os seus habitantes e acabar com o Quilombo. Em 1678, Ganga Zumba, após a primeira grande investida realizada sobre os palmarinos, assinou uma trégua com o governador da Capitania de Pernambuco, Dom Pedro de Almeida. O pacto previa a deposição de armas dos quilombolas em troca da concessão de terras e da liberdade. A alforria só seria concedida aos negros nascidos no quilombo. Os outros retornariam ao cativeiro. O episódio dividiu o quilombo e resultou no envenenamento de Ganga Zumba. Em seu lugar, Zumbi assumiu a liderança.

Nos 15 anos que se seguiram, a atuação de Zumbi foi marcada pelo confronto com os escravagistas. Em 1688, chegava a Recife o bandeirante paulista Domingos Jorge Velho, um antigo caçador de índios, contratado pelo Governo Colonial para acabar com Palmares. Depois de ser derrotado em vários ataques e de mandar buscar reforço em Recife, ele conseguiu aniquilar o quilombo em 1694, acompanhado de um exército de três mil homens.

Zumbi conseguiu escapar da invasão de Palmares, juntamente com outros quilombolas, e continuou a lutar. Venceu várias batalhas, aplicando táticas da guerra do mato. Até que um dos seus companheiros, Antônio Soares, foi capturado, torturado, e obrigado a revelar o esconderijo do líder, na Serra Dois Irmãos. Nosso herói acabou sendo encontrado. Apenas seis quilombolas restavam com ele. Mesmo ferido, Zumbi resistiu o quanto pôde. Esta foi sua última luta, às cinco horas da manhã de 20 de novembro de 1695. Essa data é, por isso, reconhecida pela nação brasileira como Dia Nacional da Consciência Negra.

Agradecimentos

O Projeto de Extensão Pedagógica conta com a parceria e o apoio das seguintes entidades: Fundação Odebrecht, UNICEF, CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviços), CEAO – Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, Câmara Municipal da Cidade do Salvador, Grupo Ultra-Brasilgás e Secretarias de Educação do Estado da Bahia e do Município de Salvador. A todos, o nosso agradecimento por acreditarem num projeto que busca contribuir para uma educação plural e democrática em nosso país.

Muito obrigado às professoras Margarida Leite de Oliveira, Maria Cristina de Santana e Adelize Reis Borges, respectivamente, diretoras do Colégio Duque de Caxias e das Escolas Abrigo dos Filhos do Povo e Tereza Conceição Menezes. Sem o apoio decisivo delas, dos seus vice-diretores, supervisores, professores e funcionários, o nosso projeto não teria obtido os resultados até agora alcançados.

Agradecemos também a todos os professores e professoras, alunos e alunas que participaram desta experiência vitoriosa. Nossos agradecimentos especiais aos seguintes professores: Clara Núbia Costa e Silva e Jorge Bonfim Pereira, ambos do Colégio Duque de Caxias; Hildelice Benta dos Santos, Eliete Matos, Jaguaracira Andrade e Alba Rosângela Dias dos Santos, da Escola Mãe Hilda; Ana Maria Oliveira e Maria de Fátima Batista do Espírito Santo, da Escola Tereza Conceição Menezes; Marlene Albuquerque, da Escola Abrigo dos Filhos do Povo; Edmilson Lopes das Neves e Givaldo Pereira Pena, da Band'Erê.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Trabalhos

03

**Alunos da 1^o à 4^a
série do 1^o grau**

31

ZUMBI, O DIVINO PROTETOR

Edebaldo dos Santos Amorim, Escola Banda Erê

Zumbi, o Divino Protetor
Resistiu com seus guerreiros em sua tribo ele lutou
Ele defendeu os negros e conseguiu a vitória
Olha as ondas do mar
Lelê oi... Ilê Aiyê
Ele vai ele vem
Ele torna a voltar
Lelê... oi Ilê Aiyê
Com o seu divino protetor
Zumbi
Desde que ele se jogou
Da Serra Pelada
E a flecha dele caiu
No 233 do Curuzu
Na casa dos quilombolas
Mãe Hilda e Vovô
do Ilê Aiyê
Divino Zumbi eu sou.

SEM TÍTULO

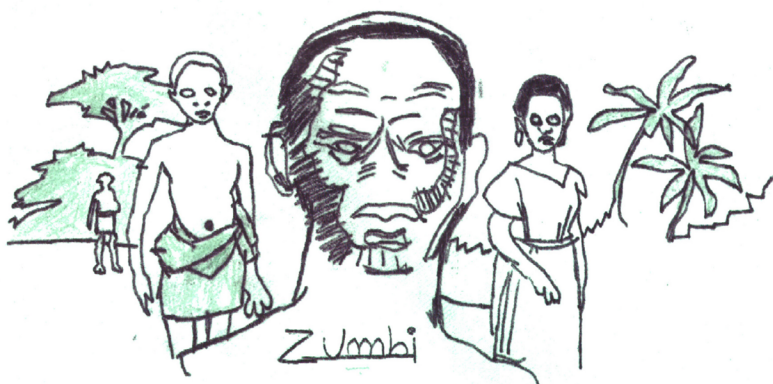
Jair Mendes dos Santos, Escola Banda Erê

Zumbi foi um grande lutador negro
Que lutou para libertar os negros.
Zumbi não morreu. Zumbi está vivo.
O Ilê Aiyê é uma organização de negros.
O Ilê luta pelo Zumbi dos Palmares.
O Ilê tem a maioria de 21 anos
E Zumbi está coxo com 300 anos.

QUEM FOI ZUMBI

Cesar Neris, Escola Banda Erê

Zumbi foi um cara que lutou pela liberdade da negritude. Foi uma das figuras que lutaram contra o racismo que hoje não está aqui em carne e osso, mas sim, no coração da negritude. Para a gente, negro Zumbi é Deus.



Desenho de Marcos de Araújo Messias Escola Tereza Conceição Menezes

ZUMBI DOS PALMARES

Givanildo Neves da Silva, Escola Banda Erê

Zumbi foi um grande quilombola, que lutou bravamente para manter viva a nossa história. É a história do quilombo dos Palmares e do Ilê Aiyê. Zumbi foi um grande guerreiro. Lutou contra os portugueses numa batalha até a morte.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Trabalhos

04

**Alunos da 5^a à 8^a
Série do 1^o Grau**

36

ZUMBI DOS PALMARES

Jane Santos Arraz – 7ª série Colégio Duque de Caxias

I

O Seu Espírito encara
A saudade que deixou
Por todos nós, oh, Zumbi!
Que há muito tempo nos deixou

II

É com esse poema que declaro
A coragem de Zumbi
Há muito tempo em Palmares
Lutando sem fingir

III

Só meu sofrimento me instrui
Quando lembro de Zumbi
Mas toda mágoa se dilui
Permanece a vida sem fim

IV

É sempre com saudade
Que leio as tuas histórias
É sempre com harmonia
Que lembro sempre de ti

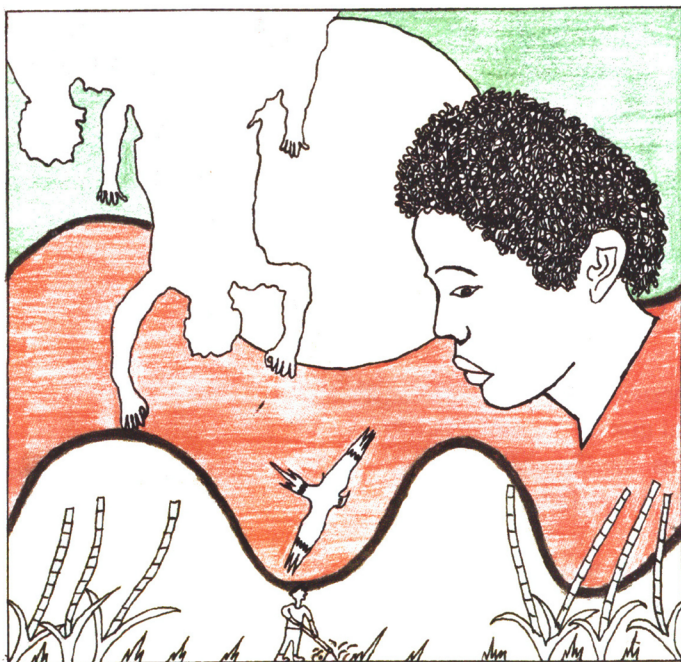
V

Foi no Quilombo republicano
Que tudo começou
Foi na Serra da Barriga
Que todo o povo lutou

VI

É sempre homenageado
No dia 20 de Novembro
Por até a morte ter lutado
Ficou muito falado

Lumbi los Palmares



Desenho de Gilson Menezes da Silva Colégio Duque de Caxias

ZUMBI NO CURUZU

Shirlene da Silva Pereira-7ª série Colégio Duque de Caxias

Saí pelas ruas
Uma palavra ouvi
A mais bela e doce
Qual poderia ser? Ilê Aiyê
De Zumbi muitas coisas ouvi dizer
Pelos negros, orgulho
E palavras de amor
pelos brancos, palavras de ódio, gestos de horror
Os brancos não sabiam o que fazer
Lutavam em tentativa de vingança
Enquanto para os negros,
Nascia a esperança
Os brancos pouco a pouco se abalaram
Foi aí que os negros
Juntos com Zumbi
Se manifestaram
O Ilê Aiyê mora no Curuzu
Onde existe um céu
Onde se pode visitar
Onde nunca se é intruso
Onde nunca se fica confuso
Lá se aplica a fala de Zumbi dos Palmares
Onde os negros não são chamados de animais
São gente e racionais.

FRANCISCO: O ZUMBI DOS PALMARES

Joseval de Jesus dos Santos – 8ª série Colégio Duque de Caxias

Eu me tenho a perguntar se, com um simples pensar, podemos saber o que é ou quem foi Zumbi.

Há algum tempo atrás, eu pensava que Zumbi era uma espécie de encarnação ou ser que vivia em lugares desertos e assombrados. Mas agora tenho o privilégio de saber um pouco da sua história.

Tudo começou quando eu comecei a ler alguns livros. E um deles falava de Francisco – um grande guerreiro negro, filho de africanos, que lutou pelos nossos direitos.

Apesar de não ter tamanho e nem físico muito desenvolvido, ele tinha também inteligência; juntando as grandes vitórias dos “grandes generais brasileiros”, não chegavam perto das dele.

É por isso que eu me tenho a perguntar, como seria este lugar, se não fosse Francisco, que por ele esteve a lutar. Como estaria o seu povo hoje?

Vencendo ou não, como um fiel cidadão contra o racismo, a discriminação social e outras coisas que contra os negros ainda estão. Mas eu tenho certeza que nós vamos vencer, com muita luta, essa desigualdade social que tanto nos incomoda. Seguindo o exemplo de uma grande figura que, para quem não o conheceu ou desconhece a sua história, não passa de uma velha lenda.

Mas, o que seria de nós se não fosse essa velha lenda, para mais tarde descobrirmos a sua verdadeira história e percebermos que tudo isso não passa de um verdadeiro fato?

NEGRA COR

Márcia Anatalina – 8ª série Colégio Duque de Caxias

Coração, espírito de luta
Causas alegadas para quem precisa de liberdade
Asas se abrindo com rara beleza
Assim era o que mais eles adoravam
Como um único salvador.
Palmares. Palmares! Gritavam todos
Com os olhos cheios de sonhos
Ideais lógicos e razão para viver.
“Viver um tempo de conquista”
Assim falava Zumbi dos Palmares.
De coração valente, de desejo de liberdade
Cheio de amor pelo seu Povo
Até que se deu sua liberdade
Para idealizar sua revolta social
Em prol de todos da sua cor.
Cor dele, que se podia orgulhar
Cor negra, negra cor, cor dele
Zumbi dos Palmares!
Líder que todos glorificaram
Por seus ideais
Pela sua luta!
De liberdade, Paz e Amor pela sua Raça.

NEGRA LIBERDADE

Daniela Santos Silva – 8ª série Colégio Duque de Caxias

Pura fé na liberdade
Sinônimo de luta e lealdade
Zumbi: força e resistência
Líder da persistência.
Quilombos de paz e união
Vida de luta e compaixão
Sonho de vida e liberdade
Povo de bom coração.
Sem medo de ser derrotado
Lutou para defender os escravos
Da morte e da ambição
Foram vencidos sem compaixão.
Zumbi, morto e enterrado
Palmares após muita luta derrotado
Mas, prova, força, luta, amor e união
Por Zumbi nos foram deixados.

ZUMBI DOS PALMARES

Vandercléia Farias dos Santos – 8ª série Colégio Duque de Caxias

Seu nome era Francisco, mas todos conheciam no como Zumbi dos Palmares. Homem de espírito guerreiro e valente, que lutava pela liberdade do seu povo. Um povo que lutava pelo direito de viver em paz, devido à vontade de libertação. Os negros revoltavam-se e fugiam em direção aos quilombos, onde havia enormes cabanas feitas para os refugiados se esconderem dos seus senhores.

Não aceitando a atitude dos escravos, os senhores de engenho, juntamente com o governo da nação Brasil, travavam vários ataques contra os negros. Um dos mais importantes aconteceu por volta de 1688, quando os senhores e o governo formaram uma união duradoura contra Palmares, cidade onde encontravam-se muitos quilombolas. Algumas vezes eles até conseguiam vitórias parciais, mas acabavam derrotados, e Palmares ressurgia mais forte do que antes.

Arrasados com tantas derrotas, os senhores de engenho e o governo resolveram então contratar um “bandeirante” paulista chamado Domingos Jorge. No primeiro chamado, Domingos e seus homens foram derrotados por Zumbi e seus companheiros.

Mas não ficou por aí. Anos depois, Domingos e seus capangas retornaram aos quilombos para novo combate e, apesar da valentia com que os negros se defenderam, não conseguiram suportar a violência do ataque e muitos morreram.

Zumbi, mesmo ferido, conseguiu fugir e construir novo refúgio. Mas, em 1695, um amigo dele foi capturado para que entregasse o esconderijo do líder da resistência. Zumbi foi capturado e lutou até a morte, sua cabeça foi cortada e pendurada num poste até se decompor.

Zumbi morreu, mas suas idéias continuam vivas. E, só em 1888, a “Lei Áurea” foi assinada. A lei que dava direito aos negros de serem livres, “acabando assim com o racismo e a indiferença”. Na teoria, estamos libertos, mas, na prática, será que isso acontece? Apesar das leis dizerem que brancos e negros são iguais, tem sempre uma vírgula e uma interrogação separando as duas raças, como se fossem gato e rato.

Hoje, Zumbi é lembrado como o maior símbolo de resistência negra no país, e a data de sua morte, 20 de novembro, é considerada como um dia de luta e movimentos de repúdio em toda a nação.

1995—2013

**caderno de educação
ilê aiyê
projeto de extensão pedagógica**

Trabalhos

04

Alunos do 2º Grau

ZUMBI, O LÍDER NEGRO

Cleber P. dos Santos – 3º ano Colégio Duque de Caxias

Zumbi, guerreiro astuto e valente,
Foi ao encontro do seu povo
Com soberania ardente.
Os negros trabalhavam
De sol a sol, noite e dia
Para brancos, que sem dó,
Castigavam-nos e os oprimiam
Mas negro não é tolo não,
Tem alma e também razão.
Queria a liberdade para viver
E com a sua força
Demonstrar que é um Ser.
Mas o Quilombo dos Palmares foi destruído
Dizem: Zumbi foi ferido a faca,
Sua cabeça decepada, posta em praça
Para alegria dos Senhores
E para os negros, uma desgraça.
Todavia, Zumbi da sagacidade
Prefiro acreditar em teu suicídio,
Pois tu és valente
E a prova disso é que,
Lançando-se de um penhasco,
Num voo de liberdade alcançaste a eternidade.

Ai, Zumbi!
Maior líder negro
Considerado imortal
Sua ferida foi fatal.
Deixa-nos com esperança
De um dia a real liberdade alcançar
Para isso, o ZUMBI vive em nós,
Só precisamos lutar.
Coragem, irmão Zumbi!
Num grito de guerra, reajas
Aos maus tratos e açoites da sociedade.
Prefiras morrer que voltar à escravidão.
Lutas até o fim,
Não te entregas, negro, não!

ZUMBI

Túzia Cristina P. Santos-3º ano Colégio Duque de Caxias

Foi um homem de bastante garra. Nasceu escravo e, à força dos caçadores de negros, quando pequeno, foi trabalhar em uma igreja aos cuidados dos padres. Sempre informado que havia um grande quilombo e que lá havia gente da sua raça. Gente que, para lá, devido aos maus tratos, fugia formando uma cidade. Seu maior desejo era lutar junto ao seu povo.

O tempo passou e, completando quinze anos, fugiu para este quilombo: Palmares. Chegando lá, tornou-se líder do povo. Os senhores dos engenhos queriam sempre destruir Palmares, para combater a fuga de seus escravos. Como não conseguiam, ficaram mais furiosos, pois ficou mais difícil ainda com o novo líder. Com a chegada de Zumbi, Palmares cresceu ano a ano, formando uma sociedade de negros, índios e alguns brancos que lá também habitavam e formavam famílias. Sempre havia ataques, mas nunca conseguiam vitória sobre Palmares.

Então, um dia, os senhores reuniram-se e contrataram um matador que exigiu-lhes muito dinheiro, terras, ouro, uma verdadeira fortuna para destruir o grande líder dos Palmares.

Planejando todo o esquema de ataque, o tal homem, armado até os dentes, com armas irresistíveis e uma imensa tropa, que não chegava a ser maior do que a do povo que habitava os Palmares, atacaram a Sociedade Palmarina, matando homens, mulheres, velhos e crianças, tentando chegar a Zumbi, porque matando-o desestruturavam a sua Sociedade. E conseguiram dar-lhe um tiro em sua perna.

Mesmo ferido, lutou bravamente para defender o seu povo até o fim mas, não resistindo ao ferimento, jogou-se de um abismo, que o levou à morte. Os senhores, ao encontrar o seu corpo, esquartejaram-no

e estenderam a sua cabeça em praça pública, para servir de lição, numa atitude desumana, aos escravos que tentassem fugir.

Até os nossos dias, ainda existe Palmares, onde vê-se negros que lá habitam. Eles mantêm o orgulho de sua cor, que aprenderam, desde criança, a defender. E Zumbi é o maior exemplo de resistência já visto no país, para nós que devemos lutar com bravura pela nossa igualdade, pelos nossos ideais e direitos.

CANTO PALMARINO

Diógenes Henrique Silva Nascimento – 3º ano Colégio Duque de Caxias

Ouve-se um canto
Canto de dor
Que no bater dos tambores
Revela a sua origem
Lá do pacífico Sul.
São mães que choram
Que sentem a falta dos seus filhos
Filhos que gemem
Com fúria, num tronco
No acariciar das chibatas
Que abraçam o seu corpo,
Cortam a sua pele
E derramam o seu sangue.
Clamam os negros: – Ó Mãe África!
E no refrão dos Palmares replica:
De sua Mãe África, surge Zumbi
Negro pequeno, magro e livre
Defensor de sua raça,
Comandante e guerreiro.
Vencedor de batalhas
Que foi traído sem honra
Mas com ela escolheu a morte
De sorte, nenhum branco lhe tocou.

O ZUMBI DOS PALMARES

Consuelo de Oliveira C. Garrido Colégio Duque de Caxias

O Quilombo de Palmares estava localizado na Serra da Barriga e era habitado por cerca de dez mil negros, também índios e brancos que se rebelavam contra o sistema escravagista. Eles foram denominados quilombolas.

A fundação do quilombo foi causada pelas condições sub-humanas que os negros eram obrigados a aceitar, as desigualdades com que eram tratados, sofrendo maus tratos, sendo chicoteados, obrigados a trabalhar além do normal, não tendo uma alimentação adequada e, principalmente, por terem sido tirados de sua terra de origem, levados bruscamente para uma estranha, tendo que adaptar-se a uma vida totalmente diferente da que levavam na sua. Sendo privados dos seus costumes, da sua família, do seu povo.

O quilombo tinha toda uma infraestrutura, com um chefe, o Ganga Zumba, que transformou a aldeia em um Estado, em que se cultivava a terra, produzindo bons alimentos para todos. Todos tinham os mesmos direitos, eram também mantidos no quilombo seus costumes. Era uma sociedade bem organizada. Isso acabou fazendo com que o quilombo se desenvolvesse com bastante rapidez. E, em pouco tempo, já eram três aldeias que receberam o apelido de Angola Janga.

Mas, em 1655, Palmares foi atacado e foram levados cativos vários negros, entre eles uma criança, que foi dada como presente a um vigário. O garoto cresceu, recebeu educação e tornou-se mais inteligente do que já era. Foi lhe dado o nome de Francisco. Mas ele, aos quinze anos, sentiu a necessidade de voltar ao seu povo, às suas origens. Foi então que ele fugiu para Palmares e lá recebeu o nome de

Zumbi.

Zumbi, apesar de ser franzino, tinha espírito de liderança, queria e sabia lutar a favor do seu povo. Nunca se enganou com as falsas promessas feitas pelos caçadores e matadores de escravos, que lhe prometiam benefícios caso se entregasse.

Mas, apesar de toda resistência, o quilombo foi atacado por Domingos Jorge Velho, que perseguiu muito os negros, desde que estes foram totalmente massacrados. Zumbi conseguiu escapar com vida, mas foi traído pelo seu melhor amigo, que lhe matou com uma facada na barriga.

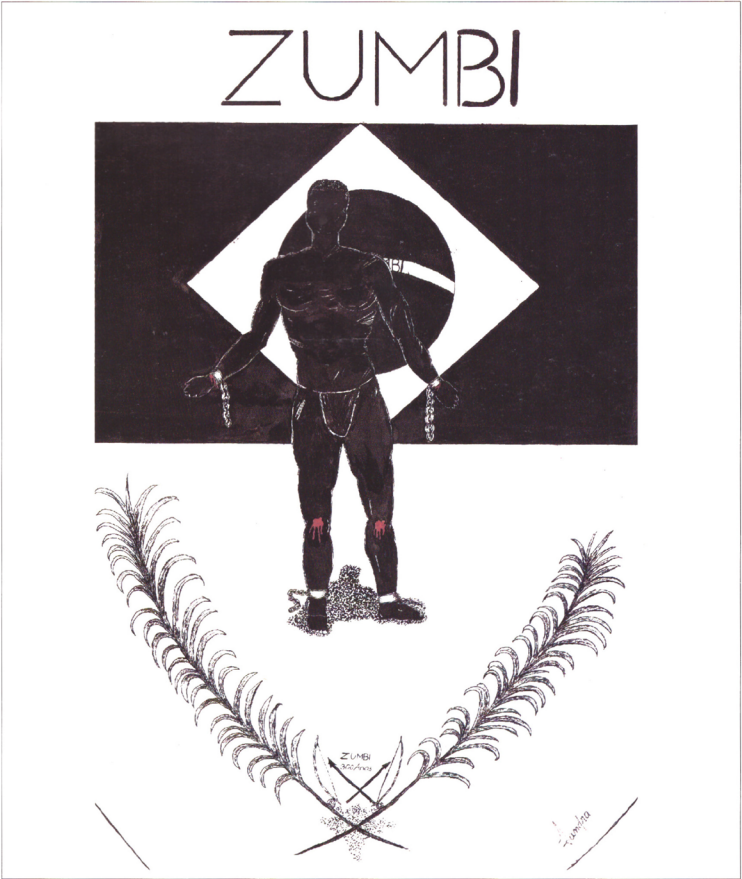
Tudo isso foi resultado da luta contra as desigualdades e discriminação racial sofridas naquele tempo.

A morte de Zumbi representou a valorização que os negros tinham pela sua raça, pela sua vida e representará sempre a luta pelas igualdades racial e social.

Hoje em dia, a luta que foi iniciada por Zumbi tem prosseguimento, pois ainda vivemos numa sociedade racista e preconceituosa, com muitas desigualdades. Essa é uma luta por uma sociedade mais humana e mais igualitária, não uma sociedade discriminatória, em que as pessoas são mal tratadas e em que lhes são negados os seus direitos.

Hoje, os negros estão mais conscientes de seu valor como ser humano, mostrando sua rica cultura, admirada por muitos.

Fica hoje a gratidão a Zumbi pelo trabalho feito por ele, que servirá de incentivo às gerações futuras, como uma atitude altruísta em busca da liberdade e da paz.



Desenho de Sandra dos Santos Conceição – 3º ano Colégio Duque de Caxias

créditos da edição 2025

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Reitora: Georgina Gonçalves Dos Santos • **Vice-Reitor:** Fábio Josué Souza Dos Santos • **Pró-Reitor de Extensão e Cultura:** Danillo Silva Barata • **Coordenação de Cultura e Universidade:** Fabiana Comerlato • **Coordenação de Extensão Universitária:** Maria Da Conceição De Menezes Soglia

Anjo Negro Selo Editorial

Editor: Danillo Barata • **Editora Executiva:** Iansã Negrão • **Coordenação:** Morgana Miranda • **Revisão:** Joana Rizerio • **Tratamento de Imagem:** Roberto Abreu • **Digitalização dos Textos:** Leandro Sales • **Projeto Gráfico:** Iansã Negrão/ Casa Grida • **Design:** Iansã Negrão, Morgana Miranda & Isabella Coretti • **Produção Executiva:** Robson Oliveira • **Restauração:** Morgana Miranda e Rex

ISSN 2236-6784
e-ISSN 2764-5878

Permite-se a reprodução das informações publicadas, desde que sejam citadas as fontes

créditos da edição original

Projeto de Extensão Pedagógica
Caderno de Educação do Ilê Aiyê
Vol. 3 – Zumbi 300 Anos

Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê
Aiyê

Diretoria

Presidente: Antônio Carlos dos Santos Vovô

Vice Presidente: Aliomar de Jesus Almeida

Hildete Valdevina dos Santos Lima • Elizete
Matos dos Santos • Vivaldo Benvindo Santos •
Osvalrízio do Espírito Santo • José Carlos
dos Santos • Paulo Raimundo Bonfim • Fernando
Ferreira de A. Filho • Jônatas Conceição
da Silva • Dário da Páscoa • Paulo César
da Costa Cerqueira • Wilson Batista Santos
(Macalé) • Arany Santana • Edson Tobias de
Matos • J. Cunha • Maria de Lourdes Siqueira

Coordenação: Arany Santana • Jônatas
Conceição da Silva • Paulo Cezar da

Costa Cerqueira **Educadores:** Ana Célia da
Silva • Jaime Sodré • Jorge Conceição •
Maria de Lourdes Siqueira • Valdina Pinto

Assessoria Geral ao Projeto: Samuel Aarão
Reis **Parceiros:** Fundação Odebrecht • UNICEF

Apoio: CASE-Centro Ecumênico • CEAO-Centro
de Estudos Afro-Orientais **Capa:** J. Cunha

Desenho da Capa: Edebaldo dos Santos Amorim
(Aluno da BANDA ERÊ, premiado em 1º lugar,
na categoria Desenho, do Concurso) **Edição**

Gráfica: Zeo Antonelli e Beto Cerqueira

End. Rua do Curuzu, 233, Liberdade
CEP 40305 000, Salvador • Bahia
Telefax 71 241 4969



PROEXC

PROREITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

UF**B**

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

 **PALMARES**
FUNDAÇÃO CULTURAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO